



A marcha da resistência

Linhas de Torres
Uma caminhada de 43 quilómetros por cumeadas e vales ao norte de Lisboa, onde assentou o brilhante sistema defensivo conhecido por Linhas de Torres. **Luís Maio** apresenta esta singular actividade pedestre de resistência, que vai acontecer no próximo dia 15 de Outubro.

▶ Caminhar não é um passatempo nacional. Será uma questão de inibição cultural, talvez mesmo de convicção religiosa. Porque se ganhou esse estranho hábito de conotar a actividade pedestre à mortificação. Se não fosse o sentimento de culpa, ou o dever de pagar promessas, ou ainda a conveniência de termos um santuário canonizado mesmo a meio do exíguo rectângulo nacional, o pedestrianismo por certo não passaria de uma figura de estilo na língua portuguesa. Compreende-se a raiz do problema: éramos uma nação habituada a caminhar para sobreviver e hoje temos carros para ir ao café da esquina e sofás com vista para uma centena de canais televisivos.

O reverso da medalha são os males civilizacionais que se identificam com o sedentarismo e as receitas de desporto prescritas para os combater. Se caminhar

dá saúde e faz crescer é, no entanto, necessário haver caminho e Portugal Continental está longe de oferecer um mapa completo de percursos pedestres bem sinalizados e conservados (a rede madeirense das levadas é a excepção). Improvisar ajuda a preencher as lacunas, por exemplo reanimando vias em desuso, outrora sulcadas para efeitos menos recreativos, como é o caso dos caminhos agrícolas, religiosos e militares. É justamente o que acontece com a Marcha dos Fortes, que integra o calendário anual de actividades organizada pelos Clube de Actividades ao Ar Livre (Caal). A próxima está marcada para dia 15 de Outubro.

Uma vez que a caminhada não é propriamente um desporto enraizado a nível local, convém começar por alertar para as dificuldades: são 43 quilómetros de extensão, correspondendo ao que tecnicamente se designa

de Percursos Pedestres de Grande Rota (GR). Gente desesperada para perder calorias e/ou com especial confiança na sua capacidade de endurance acreditará que não fará especial esforço para conquistar o diploma de participação, atestando que cumpriu integralmente o programa - único prémio em jogo, uma vez que se trata de uma caminhada não competitiva.

Mas este caminho é todo aos altos e baixos por desfiladeiros e cumes vulcânicos, que não matam, mas castigam o corpo durante 13 horas, desde madrugada até à noite. Há um ritmo de caminhada a manter para acompanhar o grupo, só está prevista meia hora para almoço e mais uns quartos de hora pelo meio para reabastecimento. Não admira então se uma das equipas participantes, de espanhóis já veteranos do pedestrianismo, tem o sugestivo nome de Llega Como Puedas.

Atingir a meta é só mesmo para caminheiros calejados, mas a boa notícia é que toda a gente pode mesmo assim participar, até desistir em pontos assinalados - as escapatórias, tendo depois o transporte automóvel assegurado pela organização no resto do percurso.

A actividade é seguramente estimulante, mas será que o itinerário oferece suficientes pontos de interesse que justifiquem o esforço? Bom, na verdade, não há grandes atracções monumentais, nem sequer naturais, ao longo destes 43 quilómetros. Em compensação é uma oportunidade privilegiada para conhecer o estado da nação na grande periferia de Lisboa, que hoje se alonga pela região saloia, um território de contrastes onde recantos de paraíso rural convivem com nojentas pilhas de entulho. Mas, acima de tudo, há este conceito feliz de participar numa marcha num cami-



No trilho dos fortes

I Deixando o automóvel no ponto de partida, como é que se evita repetir a caminhada em sentido inverso em mais de 40 quilómetros, ou vice-versa? O objectivo é andar a pé, mas isso envolve quase sempre recorrer a outros transportes, que são mesmo obrigatórios no caso dos percursos de grande rota. No caso da Marcha dos Fortes, a concentração inicial é na chegada, o campo de futebol do Zambujal, em Loures, e daí os participantes serão transportados de autocarro para Runa, em Torres Vedras. A partida está prevista para as 7h0 (nessa data o sol nasce

às 7h 39), junto a um cedro secular, parecido com o do jardim do Príncipe Real, e que é o ex-libris de Runa.

Daí arranca a Marcha dos Fortes, sempre em sentido ascendente durante pelo menos uma hora. Não há muitas regras, não é um programa americano, mas há pelo menos uma que a organização faz questão de seja cumprida: é expressamente proibido os participantes passarem à frente dos guias ou batedores. Mesmo se estiverem com mais andamento que eles? Justamente, os aprendizes de andarilhos sentem formigueiro nas pernas, ligam a adrenalina no turbo mal ouvem o apito de partida e encostam à caixa quando ainda deviam estar a aquecer. Daí os batedores marcarem o ritmo como metrónomos para caminhantes.

O programa anuncia fortificações militares, mas as primeiras construções que se avistam no alto das cumeadas são moinhos de vento. Uma infundidade de moinhos antigos, todos tirados do mesmo molde singular, correspondendo a essa outra linha das periferias rurais abastecedoras da capital. Há um par de moinhos recuperados e reconvertidos em habitações particulares, mas a maior parte está à beira do colapso, com os mecanismos de moagem esventrados e as paredes caídas. Qualquer incentivo à sua reabilitação (e quem a empreendeu já deve estar arrependido) acaba de ser minado pela implantação frenética de parques eólicos nas vizinhanças, última machadada na já diminuta

parcela de romantismo da região saloia.

Os fortins sofrem da mesma asfixia paisagística e é preciso fazer abstracção das modernas torres do vento para lhes prestar a devida justiça. Os primeiros a serem alcançados na etapa matinal da marcha são os da Archair e do Alqueidão e quem tiver visto estes já viu quase tudo, uma vez que tal como os moinhos a maioria destes redutos militares foram destruídos em série. Surpreendem pela curiosidade, não pela monumentalidade: o que se vê de longe é tão só um marco geodésico, no centro da sua planta circular (também os há em forma de estrela) circunscrita no alto duma cumeada, e apenas quando se está às suas portas se descobrem as muralhas de pedra e terra, amplas e grosseiras, com cerca de meio metro de altura.

Uma excursão centrada em engenharia e estratégia militares fará aparecer abatizes, baterias, canho-eiras, fossos, parapetos, reparos e outras infra-estruturas, eventualmente privilegiando fortificações de maior dimensão como o forte de S.Vicente de Torres Vedras. O objectivo da presente caminhada não é, porém, conhecer o sistema militar em profundidade, mas abrir o apetite para a sua exploração. Fica-se certamente a perceber porque é que as Linhas de Torres são um nome familiar, mas também um mistério para os leigos. Estas são na maior parte fortificações quase ou mesmo invisíveis, que não correspondem à imagem medieval de castelo amuralhado, mas a uma noção moderna de bastião militar, fortemente arreigado à topologia da região, onde a eficácia bélica dispensava grandes esmeros estéticos.

Mesmo carente de glamour, este conjunto patrimonial estimula a imaginação, como todo o pedaço da nossa história que permanece ingloriamente ao deus dar. Em Dezembro de 2001, o Instituto Português do Património Arquitectónico (Ippar) assinou um acordo com os municípios envolvidos para a sua salvaguarda, protecção e valorização. Os trabalhos requeridos para o efeito não parecem ter ainda arrancado. ☉

Torres Vedras –, enquanto comandante das tropas anglo-lusas.

Por sua iniciativa foram construídas nada menos de 152 fortificações, sempre em pontos estratégicos ou elevados, sequenciadas ao longo de três grandes linhas a norte da capital. A primeira da foz de Alhandra à foz do Sizandro, a segunda da Póvoa de Sta. Iria a Ribamar e a terceira junto a S. Julião da Barra, complementadas de uma quarta, já a sul do Tejo, na região de Almada. Os trabalhos iniciaram-se em finais de 1809, sendo as fortificações ocupadas pelas forças aliadas cerca de um ano depois, embora as obras só estivessem concluídas em 1812. Massena esboçou o assalto, mas acabou por recuar e as Linhas de Torres foram pouco ou nada utilizadas na função defensiva prevista. Nasceram, portanto, para bloquear a marcha de tropas, mas só agora estão a servir para a marcha pacífica e desportiva.

O itinerário traçado pela Caal, organização não governamental de Ambiente, cruza as linhas no sentido do sentido norte-sul, por consequência não seguindo o traçado específico a nenhuma delas. A extensão da caminhada justifica, como já referimos, a designação de Percurso Pedestre de Grande Rota, embora não esteja sinalizada e classificada como tal. ☉

i Informações

CAAL- Clube de Actividades de Ar Livre
Centro Associativo do Calhau - Sítio do Calhau
Parque Florestal de Monsanto, 1500-045 Lisboa
Telefone: 21 7788372 / 96 6295260
Caal@mail.telepac.pt e
www.clubearlivre.org



nho onde não apenas nunca se marchou, mas que justamente foi estruturado para paralisar a marcha.

Trata-se então de fazer regredir a máquina do tempo até à Guerra Peninsular, em particular à época que antecedeu a terceira e mais séria invasão napoleónica. O objectivo das tropas comandadas pelo general

Massena era conquistar Lisboa e foi para a defender, ou melhor para bloquear a via de aproximação mais provável das tropas francesas, a partir de Coimbra, que foram construídas as Linhas de Torres. Foi a cartada de mestre de Arthur Wellesley – por isso consagrado com os títulos de duque de Wellington e marquês de

14 EVASÕES



As casas e os campos

↳ Tanto ou maior carinho deveriam merecer as edificações civis de apoio ao sistema de fortificações, a começar pela quinta do À-da-Guerra, primeiro ponto de paragem no segmento matinal do itinerário. A fonte brasonada revela que a construção data de 1638, mas tanto a ampla casa senhorial de dois andares como as dependências agropecuárias estão abandonadas e quem quiser pode abastecer-se aqui mesmo de banheiras e peças de maquinaria agrícola em desuso. Quem estiver num dia de sorte, poderá ainda surpreender perdizes e coelhos no logradouro das habitações, já por completo recoberto de vegetação silvestre.

Os edifícios mais nobres do percurso encontram-se meia dúzia de quilómetros mais à frente, entre a Patameira e a Gozundeira, e são duas casas ocupadas durante a Guerra Peninsular por altas patentes das forças aliadas. O Casal Cochim ostenta duas placas: uma, em azulejos pintados a azul e branco com imagens de santos, anuncia a Quinta de Nossa Senhora da Conceição e a data de 1805, outra, em mármore branco, informa que aqui viveu o marechal William Beresford em 1810. Apesar dos muitos títulos, entre os quais o de Conde de Trancoso, Marquês de Campo Maior e Duque de Elvas, parece que Beresford

não tinha especial talento militar e as censuras que colheu foram maiores que os títulos.

Não deve ser por essa má reputação do antigo locatário que o Casal Cochim está ao abandono e se a casa de dois andares parece resistir bem ao passar dos anos, já uma parte das dependências agropecuárias ruiu ou estão na eminência disso. Enquanto testemunhávamos os danos, por coincidência, travámos conhecimento com o actual dono, um emigrante que adquiriu a propriedade há apenas dois meses e promete recuperar tudo como estava. Nos seus planos estão obras de remodelação de parte do casario tendo em vista a abertura de um salão de chá e de um restaurante. Mais comprometedor é a situação da Quinta dos Freixos, que integra o palacete do Barão de Manique, ocupado durante a Guerra Peninsular pelo supracitado Arthur Wellesley, o grande estratega das Linhas de Torres. Agora é um infantário, as outras três casas estão ocupadas por várias famílias, o conjunto foi pintado de amarelo e modestamente recuperado, mas o problema não é esse. O problema é que mesmo à sua frente estão a construir uma nova urbanização, que ofusca o histórico casario.

Há momentos assim, ao longo da Marcha dos Fortes, em que só apetece mesmo ir marchar para outro país.



Claro que nem tudo é tão deprimente e também se encontram bonitas paisagens rurais, principalmente vales cobertos de pomares e vinhedos, coroados por fortins como o da Carvalha,

da Granja e de Serves (este com vista para a prestigiada Quinta da Romeira). Quando menos se espera encontra-se mesmo um pequeno paraíso natural, um edílico bosque de pinheiros, infe-

lizmente debruçado sobre o Mercado de Abastecimento da Região de Lisboa. Também é certo, no entanto, que quanto maior é a proximidade dos arredores da capital, mais a paisagem se estiola, coberta de montes de entulho, ou mesmo arrasada por pedreiras e lixeiras.

Em qualquer dos casos, algures a meio da tarde, o mais provável é que o caminhante se esqueça dos fortes, dos palacetes e das vinhas. Num percurso pedestre de grande rota deve haver esse momento em que o cenário passa a ser completamente indiferente, ou em que a caminhada se resume à questão de chegar à meta. ☺